

ELIETE EÇA NEGREIROS

# Poetas e sambistas

**ELIETE EÇA  
NEGREIROS**

é cantora,  
doutoranda em  
Filosofia pela USP  
e autora de  
*Ensaio a Canção:  
Paulinho da Viola  
e Outros Escritos*  
(Ateliê).

# M

anuel Bandeira, em “Poema Tirado de uma Notícia de Jornal”, revela que a poesia pode estar presente no mais humilde cotidiano<sup>1</sup>.

“João gostoso era carregador de feira-livre  
[e morava no morro da Babilônia  
[num barracão sem número.

Uma noite chegou no bar Vinte de Novembro  
Bebeu  
Cantou  
Dançou  
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de  
[Freitas e morreu afogado”.

A atitude de transformar uma notícia de jornal em matéria da poesia nos diz que o poeta é alguém capaz de extrair poesia de onde menos se espera, ou, nas palavras de Manuel Bandeira, faz do poeta “um sujeito que sabe desentranhar a poesia que há escondida nas coisas, nas palavras, nos gestos, nos sonhos” (apud Arrigucci Jr., 1990, p. 92). Essa atitude revela a profunda mudança que ocorreu nos rumos da poesia brasileira na década de 20, no modernismo. A linguagem poética passa a incorporar, de modo inusitado, os lugares-comuns da linguagem falada, rompendo a barreira que então separava a palavra culta, a palavra escrita, da palavra comum, a palavra oral. Há uma abertura na concepção de lirismo, uma abertura do sujeito para o mundo, uma “espécie de objetivação do lirismo” (Arrigucci Jr., 1990, p. 92).

Num movimento de ruptura com as normas tradicionais da poesia da tradição parnasiano-simbolista – o nascimento do verso livre, o uso de temas considerados anteriormente não poéticos, a criação de uma linguagem mais próxima da linguagem do cotidiano –, “a lírica se abria à novidade da experiência do homem na cidade moderna”. Baudelaire, na Paris do século XIX, já radicalizara essa “proposta romântica de libertação da linguagem poé-

tica” (Arrigucci Jr., 1990, p. 93). Como diz Erich Auerbach, Baudelaire “infringe toda ideia tradicional da dignidade do sublime poético”, aproximando “inesperadamente a poesia do terreno prosaico” (apud Arrigucci Jr., 1990, p. 93).

Assim, o poeta não é aquele ser voltado para si mesmo, buscando expressar sua subjetividade, mas alguém que se abre para o mundo, para o outro. O poeta enfia suas mãos “na matéria bruta do mundo” (Arrigucci Jr., 1990, p. 92) e dela desentranha a poesia.

Nesse sentido, podemos encontrar afinidade entre a música popular brasileira e a modernidade. O samba, desde sua origem, canta as coisas do mundo e, algumas vezes, é ele mesmo a notícia em forma de recado. Basta lembrarmos do polêmico samba de Donga, “Pelo Telefone”(1917):

“O chefe da polícia  
Pelo telefone  
Manda me avisar  
Que na Carioca  
Tem uma roleta  
Para se jogar”.

Em Paulinho da Viola, no samba “Comprimido”<sup>2</sup>, a letra da música nasce colada à linguagem oral, à linguagem coloquial. A poesia do samba nasce da matéria do mundo, nasce muito próxima à linguagem falada e, nela, o poético já é, em sua gênese, desentranhado do cotidiano:

“Deixou a marca dos dentes  
Dela no braço  
Pra depois mostrar pro delegado  
Se acaso ela for se queixar  
Da surra que levou  
Por causa de um ciúme incontrolado.

Ele andava tristonho,  
Guardando um segredo  
Chegava e saía,  
Comer não comia  
E só bebia,  
Cadê a paz?  
Tanto que deu pra pensar  
Que poderia haver outro amor

1 Ver Arrigucci Jr., 1990.

2 Do LP *Nervos de Aço* (Emi, 1973).

Na vida do nego  
Pra desassossego  
E nada mais.

Seu delegado ouviu e dispensou  
'Ninguém pode julgar coisas de amor'  
O povo ficou intrigado com o acontecido  
Cada um dando a sua opinião  
Ela acendeu muita vela,  
Pedi proteção,  
O tempo passou  
E ninguém descobriu  
Como foi que ele  
Se transformou.

Uma noite,  
Noite de samba,  
Noite comum de novela  
Ele chegou  
Pedindo um copo d'água  
Pra tomar um comprimido  
Depois cambaleando  
Foi pro quarto  
E se deitou  
Era tarde demais  
Quando ela percebeu  
Que ele se envenenou.

Seu delegado ouviu  
E mandou anotar  
Dizendo que há coisas  
Que ele não pode julgar  
Só ficou intrigado  
Quando ela falou  
Que ele tinha mania  
De ouvir sem parar  
Um samba do Chico  
Falando das coisas do dia a dia".

O diálogo entre "Comprimido" e "Poema Tirado de uma Notícia de Jornal" se dá não só pela eleição do tema como pelo modo como este é desenvolvido: ambos tratam da história de um homem comum que, sem explicação aparente, se suicida, e em ambos a linguagem segue o ritmo do fluir da linguagem falada. Além disso, poema e canção causam espanto: a morte dos personagens é inesperada, provoca um choque.

Nesse samba de Paulinho da Viola também causa espanto o modo como ele

se inicia, com a imagem da mordida. E esse espanto é uma "mordida" em nossa sensibilidade.

O espanto, o tema e a linguagem presentes nesse poema e nessa canção são elos que encontrei entre eles e Baudelaire.

Em Baudelaire tudo é mais radical. Antes dele<sup>3</sup>, as palavras "cultas" eram o material tido como "elevado", propício para a poesia: o sublime, o que transcende a realidade cotidiana, era seu alvo. Quando Baudelaire abole a diferença entre a palavra culta e a palavra cotidiana, entre temas "elevados" e "baixos", entre temas considerados poéticos e não poéticos, e compõe um poema como "Uma Carniça", ele faz uma verdadeira revolução na concepção de poesia. Vale a pena lembrar a primeira e a antepenúltima estrofe do poema:

"Lembra-te, meu amor, do objeto que  
[encontramos  
Numa bela manhã radiante:  
Na curva de um atalho, entre calhaus e  
[ramos,  
Uma carniça repugnante.  
[...]  
– Pois hás de ser como essa infâmia  
[apodrecida,  
Essa medonha corrupção,  
Estrela de meus olhos, sol de minha vida  
Tu, meu anjo e minha paixão!"]

A eleição da carniça como tema poético atinge a noção de poesia em seu âmago: o abjeto, o repugnante, o que sempre era deixado de lado, passa a reluzir no centro de uma nova poética. A forma do poema é tradicional, bem ao estilo dos grandes poemas românticos, todavia, o conteúdo entra em conflito com essa forma e, dessa tensão, surge o espanto e uma nova lírica.

Nesse sentido, o de aproximação entre a poesia moderna e o samba, não se pode deixar de falar do grande Nelson Cavaquinho, que cantou a morte e a deterioração da matéria de maneira crua e chocante, o nosso "Baudelaire" do samba. Em "Eu e as Flores", parceria com Jair do Cavaquinho, ele canta assim:

3 Em Victor Hugo já há um prenúncio dessa nova atitude.

“Quando eu passo  
Perto das flores  
Quase elas dizem assim  
Vai que amanhã enfeitaremos o seu fim”.

Aqui, há uma verdadeira inversão do sentido de um dos mais tradicionais símbolos do romantismo: a flor, símbolo de pureza, delicadeza, brevidade, afeto. As “flores do mal”, que Nelson canta, em sua parceria com Jair do Cavaquinho, são o negativo desse símbolo: mórbidas, sinistras e resistentes, elas são mensageiras sinistras, mensageiras da morte. Diante da duração da existência humana, a vida da flor é muito breve. Mas, nesse samba, a situação é invertida pelo sambista: o que é breve e passageiro é o homem; a flor permanece, ela dura e zomba da brevidade da vida humana. Quem passa é o homem, matéria: a flor, símbolo, fica e enfeita seu túmulo.

Outro samba espantoso cantado por Nelson é “Depois da Vida”<sup>4</sup>:

“Passei a mocidade esperando dar-te um  
[beijo  
Eu sei que agora é tarde, mas matei o meu  
[desejo,

É pena que os lábios gelados como os teus  
Não sintam o calor que eu conservei nos  
[lábios meus

Em seu funeral estás tão fria, amor  
Ai! de mim! E dos beijos meus!  
Eu te esperei minha querida  
Mas só te beijei depois da vida”.

Esse samba foi gravado também por Paulinho da Viola. Acho difícil pensar em outro samba mais mórbido. Não foi à toa que Jards Macalé classificou a obra de Nelson Cavaquinho como “romantismo mórbido”.

Nesses sambas de Nelson Cavaquinho a aproximação com Baudelaire é ainda mais contundente, pois, tal como o poeta francês, a forma tradicional da canção se choca com seu conteúdo “abjeto”: a arquitetura tradicional poética e melódica do samba abriga um conteúdo inesperado e corrosivo. A deterioração do objeto poético, presente na obra de Nelson Cavaquinho, encontra em sua voz rouca e arrastada e em seu violão arranhado uma perfeita e comovente expressão.

4 De Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito e Paulo Costa.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ARRIGUCCI JR., Davi. *A Poesia de Manuel Bandeira – Humildade, Paixão e Morte*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1977.
- BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
-